



DIRECTOR INTERINO: AMADEU MORAIS

Objectiva com Objectivo



A "velhinha universidade da feira" onde tantos espinhenses aprenderam a ler e a escrever, continua em laboração, apesar dos seus longos anos de existência. Mas, segundo informações fidedignas que nos chegam, a antiquíssima Escola Masculina n.º 1 precisa de ser reformada, a bem dos alunos, dos mestres e do ensino, já que está ultrapassada e sofre de imensas carências.

FIM DE SEMANA . 29

1 Era funcionário. Das categorias mais elevadas. Competentes. Estimado.

Maus ventos o rodopiaram nos últimos tempos. Depois a doença.

Fomos agora a enterrá-lo.

Chora-o a família, doem-se os amigos, lamentam-no colegas, subordinados e conhecidos.

Mas o rumor maior que a sua morte levantou não foi o dos prantos e lamentos — é o bater das asas dos corvos bicando-se furiosos na disputa do lugar que a morte deixou vago.

2

O autor da acção era homem novo, saudável. A ré um farrapo que doença irreparável ia amarfanhando. Acção de dívida.

«Não, senhores doutores, não posso fazer este julgamento. Transijam. Metade. Não posso julgar este processo. Posso ter de condená-lo, e isso não posso, humanamente não posso, não posso condenar uma sombra de vida. Um momento. Venho já... Aqui têm no envelope metade do pedido. Sou pobre, mas é uma caridade. Transijam. Não posso. Esta mulher nem está em estado de intervir na transacção, já desmaiou duas vezes. Pode ficar-me aí. O senhor desista, tem aqui a metade da dívida; eu dou-a. Os

senhores doutores combinem como puderem sobre as custas. Não, não, insisto em pagar eu, não quero que paguem os senhores doutores do seu bolso... Bem, se insistem, está bem, mas então eu pago as custas. O senhor é compreensivo. É uma obra de caridade que faz. Uma ajuda grande que dá. Nunca se arrependerá. Bem haja. Deus o ajudará. Os senhores doutores ajudaram uma obra de caridade, são humanos e compreensivos. Assim dá gosto trabalhar, com pessoas verdadeiramente humanas, sem ódios, nem paixões torna-se fácil julgar. Mas vejam,

se houver algum inconveniente, já disse, pago as custas... Bem, como os senhores quiserem. O senhor representa uma empresa por certo grande, a quem não faz diferença esta migalha — e é uma obra de caridade; esta mulher pode ser rico em dinheiro, mas sofre da maior miséria — um vivo morto que teima em vegetar. Então, senhores doutores, arrumem isso como quiserem. Bem hajam todos pela caridade que fizeram».

3

Queixamo-nos de falta de consideração da C.P. pelos passageiros em todos os aspectos do serviço.

Mas quem esteja habituado a ter de utilizar o rame-rame diário dos Serviços de Transporte Colectivos do Porto, tem de achar os serviços da C.P. muito razoáveis.

Que isto de estar a sofrer numa paragem à espera do autocarro que não chega, isto de esperar vinte trinta minutos, uma hora (sem exagero) por um carro de uma carreira com frequência horária de sete minutos; que isto de ao fim de um dia de trabalho, deserto de chegar a casa, esperar aquele tempo ao frio, à chuva, ao vento, no desconforto; que isto de ao fim da dolorosa espera chegar um machimbombo que sobrou dos primitivos autocarros de passageiros fabricados pelo homem destinados ao museu, a gemer, miar, ganir por todas juntas desconjuntadas e folhetas soltas da carroçaria, com um nauseante fétido a gasóleo (tudo em contraste com uma feérica iluminação florescente a estragar o ambiente fúnebre do mausoléu), a avançar aos trancos-arrancos, os passageiros acavalados constantemente remexidos, poleados; que tudo isto torna sol na madrugada os serviços da C.P.

Faça-se justiça.

EDITORIAL

ESPINHO 74

A elevação de Espinho a cidade atirou sobre os seus residentes e sobre os Serviços Municipais preocupações dobradas, a que de modo algum podem furtar-se. E se há grandes problemas que não podem esperar por muito mais tempo a sua solução, por herdados da Vila em ponto de saturação, outros há, até aqui, ao que temos visto, considerados de importância secundária, que exigem toda a atenção e os mais persistentes e enérgicos cuidados.

Temos em vista, ao falar assim, o estado em que se encontram as fachadas principais de numerosos prédios e os passeios da nossa terra.

Antigamente, como já uma vez referimos, havia a preocupação por parte dos proprietários de arranjar os seus prédios e das Câmaras no sentido de os encaminharem a tempo e horas nesse sentido, assim como, normalmente, e de acordo com o Município, cada proprietário fazia os passeios marginais aos prédios que possuía.

Percorrendo as ruas de Espinho, encara-se frontalmente com o estado deplorável em que se encontram muitos e muitos prédios, sem a mais pequena reparação há mais de uma dezena de anos, ao mesmo tempo que se nota, sem explicação justificável, a existência de muitos passeios sem calçetar e cimentar e de outros em péssimo estado, cons-

tituindo situação de manifesto perigo para os peões que os utilizam.

Sabemos que a Câmara Municipal é impossível fazer tudo. Não ignoramos que não nada em dinheiro — como sempre aconteceu — e que não dispõe sequer de pessoal bastante para acudir a todas as necessidades.

Mas, se na sede de qualquer vila é chocante que se deixem chegar as coisas a notório estado de abandono no campo que salientamos, muito mais o é numa cidade e muitíssimo mais numa cidade como Espinho, onde o turismo tem um lugar destacado, e onde as pessoas, mesmo as residentes, se habituaram a notar, de ano para ano, os sinais evidentes do seu progresso e dos cuidados postos na satisfação dos seus problemas.

O ano de 1974, que se avizinha, deve ser um ano de renovação. Urge que antes do verão e a tempo e horas, se modifiquem e eliminem os males que deixamos salientados e que muitos dos nossos veraneantes apontaram, no inquérito que junto deles fizemos em Agosto findo.

Sob pena de nos negarmos e à seriedade com que procuramos saber de quem nos visita quais os defeitos que nos apontam, temos o dever de reparar o que nos dizem estar errado e dever ser modificado.

Esta tarefa cabe em primeiro lugar aos proprietários, que devem dispor-se, onde for necessário, a mandar rebocar e pintar ou somente pintar os seus prédios, a reparar as coleiras condutoras de águas pluviais e a colaborar na reparação ou cimentação dos passeios que ladeiam os seus prédios.

Para isso, porém, impõe-se uma larga campanha de mentalização, da qual todos devemos colaborar. É urgente que nos convençamos de que a cidade de Espinho surgiu e tomou as proporções que hoje tem precisamente porque todos colaboraram, oferecendo-se para custear regularmente despesas que em rigor deviam ser suportadas pelo Município.

A nossa Câmara Municipal compete, evidentemente, tomar a chefia deste movimento, chamar ou contactar directamente os interessados em situação mais clamante e convencê-los da necessidade de se integrarem na execução da iniciativa.

E se estas medidas não derem resultado — deram-no durante dezenas e dezenas de anos — então a Câmara dispõe de meios para actuar com eficácia.

De qualquer modo, e tendo em conta a escassez de pessoal, desculpa exacta para certos atrasos mas ininvocável para o total incumprimento, há que começar a agir em Janeiro ou Fevereiro, para termos a certeza de que antes do próximo verão teremos à vista os resultados das diligências feitas.

E sopesando vantagens e inconvenientes da iniciativa, não temos dúvida em sustentar que a Câmara Municipal deve ser inexorável com todos quantos se recusarem a dar a sua colaboração na medida exacta das possibilidades de cada um e das necessidades da terra.

Encarando a necessidade urgente de soluções, Espinho 74 será uma cidade diferente.

AMADEU MORAIS

CARTA DO BRASIL

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Na abertura ou no fecho dos programas da Emisora Nacional para o estrangeiro, ouvimos a «Miraculosa» do Maestro Fausto Neves. Esta música causa-nos emoção e faz-nos lembrar Espinho. Pensamos na alegria que ele teria por um Espinho-Cidade e do que, com a sua grandeza, seria capaz de fazer por esse Espinho querido.

Nós e quando digo nós, refiro-me aos Espinhenses no Rio de Janeiro, mandamos celebrar anualmente, no dia 1.º de Dezembro, uma missa pela paz da alma dos Espinhenses aqui falecidos. Todos eles deixaram uma saudade imensa. Recordamos o seu amor pela terra que tanto estimavam e de tudo que poderiam ter feito por um Espinho maior.

Nós, os Espinhenses no Rio de Janeiro, temos a nossa predilecção por

(Continua na pág. 2)

4

Ele comentou:

«Embora tenha ido novo, acabaram-se-lhe as penas; morreu sem sofrimento. Foi feliz».

Só falta felicitar-lhe a memória pelo sortalhão que teve. Tão grande, que parece ter-lhe saído o totobola.

5

Foi sem dúvida uma linda mulher. Ainda hoje o é, passados que são há muito os setenta.

Foi jovem e amou. Teve um noivo. Um noivo que, próximo ao casamento, morreu.

E nunca mais amou.

Viúva de amor empenha-se na profissão. E regularmente, de então até hoje, durante meio século, vai regularmente depor flores na campa do noivo e do seu sonho numa vida de mulher.

VASCO LUIS

NO PRÓXIMO DIA 22

UMA

«DEFESA» ESPECIAL!

NÚMERO DE NATAL

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SARRIA
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

JÁ PODE SER...

Pelo Hospital de Espinho foi-nos comunicado que os Serviços Médicos Sociais de Previdência passaram a considerar aquele estabelecimento hospitalar para os electrocardiogramas.

Esta boa nova, consequência duma local neste jornal de 27 de Outubro último, mais uma vez nos veio garantir que o Ministério das Corporações e Previdência Social para além de estar atento às críticas de bom sentido que a Imprensa aponta também faz questão de, urgentemente, concretizar as carências justificadas.

Esta política que muito nos apraz registar e enaltecer apetece-nos solicitar daquele Ministério a atenção de considerar, num futuro próximo, a consulta de especialidades que ainda têm de ser feitas no Porto aos beneficiários do Posto Médico desta cidade.

Conscientes de que Roma e Pavia não se fizeram num dia, atrevemo-nos a este público pedido, certos de que ficará registado para uma próxima e breve oportunidade.

LIVROS E AUTORES

«OPERÁRIOS FALAM»

Acaba de sair «Operários Falam»: quatro operários falam para o magnotelefone, interrogados por Júlio Graça (Edição de Iniciativas Editoriais, Coleção Real-Imaginário).

Júlio Graça estava indicado para este trabalho, que nas suas obras de ficção (Buza, Voz das Sereias...) abundam as personagens de operários, e dado que os problemas da «condição operária» são uma constante nos seus livros.

«Operários Falam», que podemos colocar no género das entrevistas-sociológicas que realizou o norte-americano Oscar Lewis constituem um documento único da ideologia em estado espontâneo de operários portugueses, dos anos 70.

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de
VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565

ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

Vende-se

Casa c/ 4 divisões, no
Rio Largo — S. Félix da Marinha
Falar no local com

Ana Dias da Rocha

PRECISA-SE

Empregada: até 16 anos,
sabendo dactilografia (ou com
aprendizagem).

Falar na Rua 19 n.º 192-1.º

MOTORISTA

Com experiência de longo curso

PRECISA-SE

CETAP — Centro Técnico de Aplicação de Plásticos
Telefones, 921226/7/8 ANTA-ESPINHO

CARTA DO BRASIL

(Continuação da pág. 1)

esta ou aquela Associação de classe, das muitas que há em Espinho. Mas, na hora de sermos Espinhenses, nós o somos sem qualquer divergência ou animosidade.

Por isto, sempre pensamos na necessidade de, em Espinho, haver mais união entre as Associações. Seria formidável se, de vez em quando, fizessem uma reunião em conjunto para debater os problemas de Espinho e colaborar para a sua solução.

Não adianta dizer e comentar que isto ou aquilo está errado e esperar que alguém dê um grito. O que é preciso é encontrar em conjunto uma solução e dar-lhe execução. Cremos que, deste modo, os problemas de Espinho diminuiriam.

A comunicação entre as pessoas, hoje em dia, é indispensável. Novos e velhos. Ricos e pobres. Doutores e não doutores.

É bom para a comunidade que todos se conheçam mais e melhor. Querem um exemplo? O Sr. Presidente do Conselho e a sua Conversa em Família.

Porque os Espinhenses que queiram colaborar por um Espinho melhor, os Directores dos Clubes e Associações de classe, etc., etc., não se reúnem para debater os seus problemas? Ideias novas poderão surgir e bem úteis para Espinho.

Isto seria talvez inédito em Portugal e mais uma vez Espinho daria mais um exemplo de nobreza e de despreendimento por vaidades ou presunções.

Nós aqui pensamos que vocês e nós, agora, temos mais obrigações para com o Espinho-Cidade-Turismo.

Lemos numa crónica do Vasco Luís (perdoe-nos a intimidade...) que alguns veraneantes disseram que não voltariam a Espinho. Não se preocupem com isto. Espinho tem aquela sedução toda especial e de que toda a gente fala. E vocês sabem porquê? Porque é Espinho... e não há nada em Portugal que se lhe assemelhe.

Espinho precisa de se comunicar. Precisa, por exemplo, de fazer publicidade no Algarve, tal e qual como o Algarve faz publicidade em Espinho. Sim porque se o turista vier uma vez a Espinho voltará outras vezes.

Para isto é preciso que vocês Espinhenses, que vocês, directores de Associações, encontrem em conjunto um modo de atrair mais e mais visitantes.

Espinho precisa de todos nós, como todos precisamos de Espinho.

Poucos, têm feito muita coisa por Espinho. Ora se muitos o fizerem, se todos se unirem, o engrandecimento de Espinho será cada vez maior.

Aí, sempre dissemos e seria bom demonstrá-lo, que a união faz a força.

LOPO MARQUES

40 ANOS DE ENSINO

O grande amigo de Espinho que é o visiense Prof. Reinaldo Cardoso Correia de Almeida completou quatro décadas de actividade docente. Por tal motivo num restaurante da capital da Beira-Alta se reuniram duas centenas de amigos e admiradores, em que se contavam as figuras mais gradas da política cidadina, para homenagear o Prof. Reinaldo de Almeida. Associando-nos a tão justa homenagem, aqui deixamos expressas as nossas saudações ao ilustre professor e homem público.

BAILE FIM DE ANO

A passagem do ano vai ter em Espinho um baile, que se realizará no Salão Nobre da Piscina, numa organização da Secção de Voleibol do S. C. Espinho, já especializada em iniciativas de semelhante cariz.

GRÉMIO DO COMÉRCIO DOS CONCELHOS DE ESPINHO, FEIRA, CASTELO DE PAIVA E AROUCA

AVISO

A Direcção do Grémio do Comércio dos Concelhos de Espinho, Feira, Castelo de Paiva e Arouca, comunica aos seus associados que as eleições dos Corpos Gerentes para o triénio de 1974/76, se realizam no dia 2 de Janeiro de 1974, pelas 21,30 horas, na sua sede — Rua 19, n.º 62 — Espinho.

A DIRECÇÃO

Mirante da cidade

Manhã cedo. Despontou na Av.ª 24 um carro-sport, vermelho, moderno. Lá dentro, todo aperaltado, um cavalheiro que o cabelo grisalho não permite muitas mais ilusões, mas...

Depois da 1.ª, 2.ª e 3.ª curvas, ele aí vai lançado em ultrapassagens.

Quer lá saber da limitação de velocidade!

Lembra-se só do que lê nesses jornais-auto, disputados pela jovem burguesia. Recordar-se apenas das «médias» e das «performances».

Quer lá saber da economia de gasolina!

Faz lá ideia do que é respeitar uma campanha de interesse público!

Sabe é andar a mais de 100. Sabe é o que lê nos jornais-auto. Mas saberá que até o Stewart já se deixou de velocidades! Siga-lhe o exemplo, não calque tanto no acelerador, seu *aceleravelho!*

Bons Estabelecimentos

A beira-mar, na esplanada, junto ao Hotel PraiaGolfe, alugam-se. Falar no local ou por telefone 34 70 3, das 15 às 18 horas.



CARLOS HONÓRIO LIMA VIEIRA PINTO
(NO DÉCIMO SEGUNDO ANO DA SUA TRÁGICA MORTE)

Há já 12 anos, a fio,
Que dura este desafio
Entre a Dor, e entre a Saudade,
E não nos cansa, afinal,
Este dever paternal
Que as nossas almas invade...!

E esta Dor, que jamais finda,
É muito maior ainda
Que a da hora em que nasceu...
— Maioras as recordações
Que enchem os nossos corações
Dum FILHO que está no Céu...!

Nosso Filho bem amado,
Está sempre a nosso lado,
Nunca o deixamos sozinho...
— E as nossas forças, chorando,
São como um berço embalando
Noite e dia o seu FILHINHO...!

É mais um ano que estamos
A mercê desta sentença,
Que amargamente cumprimos
Na estrada da nossa vida...
— Somos fiéis cumpridores,
E por um FILHO choramos,
Por nosso FILHO aqui vimos,
Mostrar a nossa presença...!

LEMBRANÇA SEMPRE PRESENTE
DE SEUS DESOLADOS PAIS.



**POR MAIS
FRATERNIDADE**

**CASAS PARA
OS POBRES**

Embora esta iniciativa —louvável e exemplar— que «D.E.» teve o maior prazer em patrocinar, dado o seu fim alturístico, não esteja a ter a adesão esperada, pois há na registar a atitude parcimoniosa de muitos que deviam colaborar — desde entidades até a tantíssimas pessoas —, ofertando uma migalha do muito que lhes sobra, para não aplicarmos o desperdiçado, vão-nos chegando nacos de compensação, manifestos de solidariedade, que nos apraz registar, com o devido destaque, no intuito de tentarmos acordar quem ainda não reparou no fim a que visa este movimento em tão boa hora iniciado.

Hoje, passamos a transcrever o ofício recebido da Comissão Organizadora da FEIRA DA MOEDA, da nossa cidade, dirigido ao nosso Jornal e cujo teor é o seguinte:

Exmos. Senhores:

A Comissão Organizadora da FEIRA NACIONAL DA MOEDA de Espinho, tem o prazer de informar V. Exas. que, em reunião da Direcção, foi decidido fazer-se uma distribuição de fundos por algumas Instituições de caridade e também de utilidade pública.

Tendo chegado até nós a noticia que esse conceituado órgão da Imprensa tem aberta uma subscrição pública para angariamento de fundos destinados à construção de moradias para pobres, não quisemos alhear-nos dessa feliz e meritória iniciativa, pelo que esta Comissão da FEIRA DA MOEDA decidiu atribuir o donativo de Esc. 3000\$00, representados pelo incluso cheque n.º 047 235, sobre o B.P.A. em Espinho.

Pedimos a V. Exas. o favor de nós remeter um recibo.

Aproveitando o ensejo, apresentamos a V. Exas. e a todos os vossos colaboradores os votos de um NATAL FELIZ. No entretanto, subscrevemo-nos com toda a consideração,

De V. Exas.,

ATENCIOSAMENTE,

J. Pereira da Silva (Secretário)

Mais um donativo valioso. e ainda agora a «procissão vai no adro». Contudo esperemos que este mês — mês de Natal — de «paz na terra aos homens (e mulheres...) de boa vontade», faça realmente despertar os sentimentos de fraternidade humana, tão destacados pela quadra natalícia, lembrando a todos que os necessitados têm o direito de possuírem um lar decente, condizente com a sua qualidade de seres humanos.

E, talvez, a esta quadra de bondade, amizade, de festa, não fosse tão alegre se nos lembrássemos de quantos pardieiros, bairros de lata, espeluncas e outros antros, pretensamente tomados por locais de habitação humana, onde definham moral e fisicamente as crianças — e as crianças... que culpa têm? —, existem por aí, alguns dentro de fronteiras da nossa cidade, do nosso concelho. Ajudemos a resolver este crucial problema, com a esperança de que muitos não-de fazer ainda um juízo de consciência e vir até esta campanha.

É Natal, meus senhores!

PRISMÁTICA

PERDOAI-LHE, SENHOR...

Esta ganância das acções — que não das boas acções —, autêntico volfrâmio dos nossos dias, reveste-se de aspectos deveras curiosos, bem dignos de um estudo profundo, porquanto nos daria um retrato bem vivo e extremamente fiel, do carácter do género humano proliferante nestes tempos.

Sobretudo, demonstra com evidência estarecedora a forma poluitiva do egoísmo grassante, desse mesmo que provoca essa corrida desnorteada à gasolina — até para encher banheiras —, do armazenamento de gás e géneros alimentícios que, eventualmente, poderão vir a faltar, sem esquecer, por outro lado, as especulações do «esgotado» para se vender, mais tarde, especulativamente ou mais caro.

Esse egoísmo, cuja subida é directa e matematicamente proporcional aos réditos materiais de cada um, capaz de frustrar todos os sentimentos humanos, transmitindo aos indivíduos a «febre» de um materialismo que não abdica do mais, e mais, e mais, esquecido do próximo e dos seus direitos.

Neste negócio de acções, em princípio capaz de proporcionar uns horizontes agradáveis à enormíssima classe de média poupança, o que choca grandemente é ver como hoje, quando a coisa já entrou nos domínios dos materialmente fortes, muitos deles, ou antes muitíssimos, não se coíbem de esmifrar assinaturas dos que nada ou pouco têm, para conseguirem para si ainda um maior volume.

Quantos o fazem, uma atitude que será escusado classificar, à custa dos seus subordinados, «pedindo-lhes» o favor de cedência do bilhete de identidade e de assinantes, para ganharem, sem esforço algum, chorudos contos de réis, bem dispensáveis ao seu erário, mas que muito jeito fariam a quem, por desconhecimento, por receio, por impossibilidade material, cede o cartão de identificação e assim o nome que há-de valer boas notas das grandes?

Atingem as raias do egoísmo, da cegueira materialista, alguns, mesmo demasiados, casos de que temos conhecimento, neste esmifrar, frio e calculista, de pessoas que, por desconhecimento, por temor, por impossibilidade, dão a possibilidade a alguém, bem melhor situado na vida, de trepar mais, sem receberem sequer um prémio e, a maior das vezes, um «muito obrigado» simples e cortês!

Mas, a hora é de egoísmo desta natureza, de egoísmo revoltantes que fazem andar o mundo em convulsão, de egoísmos chocantes bem patentes nesse espectáculo deprimente do açambarcamento da gasolina e dos géneros, de egoísmos miseráveis do aproveitar das situações para o chorudo negócio de ocasião, de egoísmos que não-de conduzir à degradação total, ao aniquilamento, ao desaparecimento do mundo do nosso tempo.

Do mundo e dessa cáfila de egoístas que, por mal deles, são seres humanos e, felizmente, ainda não há, nem haverá, acções ou assinaturas, para comprarem ou açambarcarem o direito à vida eterna. Coitados deles, vão como os outros, talvez até sofrendo mais, pois o seu egoísmo há-de roê-los por saberem que deixam cá tudo. Perdoai-lhes, Senhor... embora estes saibam o que fazer!

C. S.

RASCUNHOS

Apesar de baseada em coisas absolutamente positivas, a astronomia sofre muito ainda das maleitas poéticas. Apesar de todos os aperfeiçoamentos que a técnica moderna lhe tem ofertado (telescópios poderosos, observações feitas no espaço inter-estrelar por satélites e correlativos, colaboração preciosa de computadores) perante o infinitamente grande do Universo, o astrónomo recorre, na sua pequenez finita, à imaginação.

Um desses senhores que deposita a quase totalidade das suas preocupações nas coisas extraterrenas (no sentido físico, sublinhe-se) descobriu há tempos um cometa que se aproxima do nosso doméstico sistema solar a uma velocidade diabólica. Alertados pela revelação, outros membros do mesmo sindicato desataram a fazer investigações por conta própria. E as novidades foram surgindo, progressivamente mais deslumbrantes, gradualmente mais espantosas, para gáudio dos órgãos da informação, que viram ali uma matéria altamente explorável para agitar as imaginações do «respeitável público leitor».

Surgiram as comparações com um célebre cometa Halley (creio que se escreve assim), asteróide que foi coqueluche mundial no dealbar deste nosso vigéssimo século. Porque o novo cometa era maior, porque era menor; porque era mais brilhante, porque era menos brilhante; porque era mais visível, porque era menos visível; porque

se aproximaria mais da Terra porque se aproximaria menos da Terra; etc., etc.

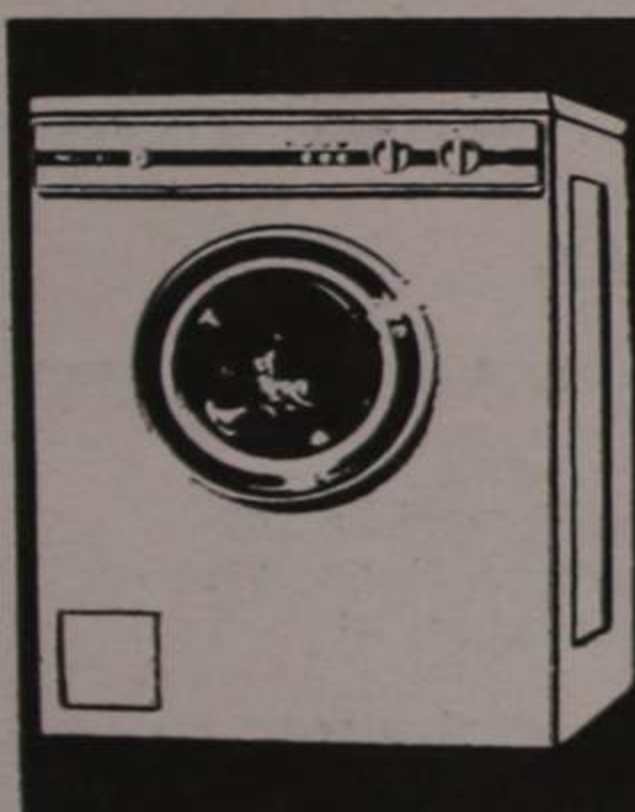
Tudo começava a estar a postos para no final deste mês ou princípios de Janeiro próximo, todos virarmos o nariz para o ar e, lusitanamente de borla, gozarmos o «show» sideral que o cosmos nos iria fornecer.

Uma geração que observou tantos progressos, tantos êxitos da mais refinada técnica, que viu pela primeira vez o homem pisar o solo lunar, que obteve fotos directas de Vénus, de Marte, de Júpiter, que se prepara para gozar o automóvel sem gasolina, que deixará talvez de precisar de aprender a tabuada por para isso dispor das calculadoras electrónicas, também tinha direito a dispor do seu cometazinho.

Mas, golpe de teatro, parece que já não teremos o tal cometa formidável. E a noticia origina-se no seu próprio descobridor, que considera falaciosas todas as hipóteses que os seus colegas aventaram. Lá que há cometa, há. Mas é ainda uma incógnita como é que ele nos surgirá e se poderemos vê-lo à vista desarmada, ou se, snobmente ele se oferecerá à exclusiva apreciação dos astrónomos bem equipados.

Desiludido, aqui deixo o meu público protesto contra esta «partidinha» desse cometa malandroco que, como muitas outras coisas, parecia que ir ser sei mas parece que já não vai ser.

C. P. M.



**Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor**

Miele
A própria segurança

AGENTE OFICIAL: **CASA VITÓ**
FILIPE RODRIGUES VITÓ & F.ªs, L.DA
Rua 19 N.º 242 — Telef. 920124 — ESPINHO

PROPRIEDADES
«MEDIADOR NA
COMPRA — VENDA»

**GENTIL
GOMES
DA COSTA**



Rua Fernandes Tomás, 664 — 1.º Dto.
Telefones 380834 — 311991 — 381032 — PORTO

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *

GIRASSOL

RUA SÁ DA BANDEIRA, 158
TEL. 21891/2/3 — PORTO-PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393
MARISCOS * PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS À MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS * ÀS 5as e DOMINGOS
FEIJOADA À BRASILEIRA



A CRÍTICA SOCIAL NA BANDA DESENHADA

Ao tentarmos dar uma panorâmica do que foi a B.D. durante a II Guerra e durante os anos que antecederam e precederam a mesma, não podemos ignorar algumas, poucas é certo, das criações satíricas deste período.

Como já vimos, a origem da B.D. (americana em particular) caracterizou-se em grande parte, por ser um género cómico que tanto nos desenhos (caricaturas) como nos argumentos procurava criticar e ridicularizar a sociedade americana salientando os seus aspectos mais característicos.

Se as primeiras décadas se caracterizaram pelo exposto (e não só), nos anos 30 e 40 ocorreu precisamente o oposto. Foi o período áureo da B.D. realista, assim chamada não porque se procura inserir numa determinada realidade circundante para a melhor explicar, mas porque o aspecto gráfico para isso mais chamava a atenção. Não estava ausente, contudo, um certo espírito da realidade, usado mais no sentido do esquecimento do que no da tomada de consciência.

No entanto, o sentido «cómico» não desapareceu e assim vemos surgir em 1934 Li'l Abner criado por Al Capp de quem o romancista americano John Steinbeck escreveu em 1953: «o maior escritor contemporâneo a quem

«o comité do Prémio Nobel deveria ter em séria consideração». Para melhor tentar caracterizar esta obra, transcrevo do livro *Bande Dessinée et Figuration Narrative*: «Li'l Abner representa uma sátira feroz de todos os aspectos da vida e da sociedade americana. Li'l Abner, o herói, é o símbolo da inocência triunfante: armado unicamente com a sua candura e estupidez, desfaz os planos mais diabólicos dos seus inimigos, mas sucumbe aos ataques da sua companheira Daisy Mae, uma ninfa sempre desnudada e ingenuamente preversa, com quem casará em 1952 devido à pressão exercida pela opinião pública. Os seus parentes são uns «nabos» monstruosos, e toda a família vive em Dogpatch, uma cidade deserdada onde não há nem electricidade nem água corrente. Al Capp não é sectário, satiriza com imaginação igual todas as classes e todos os grupos sociais e fustiga com a mesma impiedade os hipócritas, os indelicados, os ridículos, venham eles de que lado venham (pág. 73)».

No mesmo ano (1934) apareceu uma outra série, sendo o seu principal protagonista Alley Oop (Brucutu) «um homem das cavernas inculto e invencível na tradição de Popeye, cujos feitos

guerreiros não têm conta». Nesta história o espaço e o tempo confundem-se e interpenetram-se devido à máquina do tempo usada pelo professor Wonmug. O desenhador e argumentista desta história é Hamlin, o qual imprimiu à série um ritmo vivo e cheio de peripécias.

Ao encerrarmos, neste artigo, este período convém notar que os últimos anos da década 40 foram bastantes difíceis para os criadores e duma maneira geral para todos aqueles que apostavam no valor da B.D. como linguagem válida. Foi uma época em que as histórias aos quadrinhos foram bastante atacadas, pois diziam que fomentava a delinquência juvenil, chegando-se ao extremo de acusar as H.Q. de fomentarem todos os pecados e todos os vícios da terra (Frederic Wertham no livro «La Séduction des Innocents»). A todo este espírito veio juntar-se uma censura rígida, exercida pelos «syndicates», assim como um esgotamento criativo dos autores. Houve inclusivamente autores que abandonaram a B.D., sendo o caso mais flagrante o de Hogarth (dese-

nhador de Tarzan), não porque tivesse esgotado todos os recursos (como mais tarde veio a provar), mas porque não se sujeitava às restrições que lhe impunham.

Mas como diz o ditado, depois da tormenta vem a bonança, e em 1949 surge um desenhador saído dos estúdios Walt Disney, que iria abrir novas perspectivas à criação figurativa, foi Walt Kelly.

Com a série *Pogo*, Walt Kelly, aborda pela primeira vez questões sociais, morais e políticas da sua época, atitude que lhe criaria alguns inimigos (entre eles o tristemente célebre senador Mc Carthy) e também muitos admiradores, reabilitando e dando nova vitalidade à B.D.

Esta maneira nova de encarar as H.Q. veio mais tarde a ser explorada por autores, hoje já consagrados, como sejam: Schultz (Peanuts), Johnny Hart (B.C.), Jules Feiffer (Feiffer), etc., estes porém ficam para o próximo artigo.

A. C.

HÁ TANTOS ANOS...



BASTA DE COMODISMO!

O comodismo a que vemos entregues alguns elementos de valor desta terra, traduzido pelo seu aparente alheamento dos seus destinos, ainda quando reconhecem, que os mesmos não são criteriosamente — pelas suas naturais consequências — orientados, tem sido para Espinho, a causa de graves prejuízos, dando lugar, a que se recorra, por vezes, a estranhos que podem vir animados da melhor vontade em ser úteis à terra, mas facilmente são vítimas dos maus conselheiros que deles se acerbam e nem sempre interpretam os desejos da população, ou a elementos locais sem valor ou sem predicados de espécie alguma que os recomende ao desempenho de cargos de responsabilidade, pelo que cometem desastros de toda a ordem.

Todo o homem válido deve sacrificar um pouco as suas comodidades em benefício do seu semelhante e da terra em que nasceu ou onde habita, como se sua fosse, principalmente quando o seu concurso é solicitado e preciso, numa povoação como Espinho, onde é reduzido o número de pessoas competentes para o desempenho de qualquer função pública, e para orientar devidamente do sentido da conquista das suas mais legítimas aspirações e dos seus incontestáveis direitos.

Espinho é uma terra nova, muito nova mesmo, que se tem desenvolvido,

graças às suas esplêndidas condições naturais e ao esforço ingente de alguns homens dedicados, infelizmente, quase todos falecidos.

Possui, no entanto, presentemente, uma brilhante plêiade de moços cheios de vigor e de talento, que muito úteis lhe poderiam ser desde que se dispusessem a abandonar o seu aparente indiferentismo, o seu injustificável comodismo, o seu condenável receio de desagradarem a A ou a B.

Nada tem que recear aqueles que, ao serviço de uma povoação ou de uma colectividade de qualquer natureza, se norteiam simplesmente por um inconscusso espírito de justiça administrando com zelo e dedicação o que se lhes confia, procurando, unicamente dar razão a quem a tem, sem olhar se é amigo ou adversário, castigando os que errem e não se servindo dos lugares que ocupam para fazer favores ilícitos aos amigos ou perseguirem os inimigos, ou ainda aproveitando-se deles em benefício próprio.

Os que assim procederem, podem, também ser alvo de críticas insensatas, ou de guerras surdas dos despeitados, mas ficarão com a consciência tranquila, e o tempo se encarregará de lhes fazer justiça e da merecida consagração.

«D. E.» n. 96, de 21/1/1934

Chegou à Ford de
S. João da Madeira

CORTINA '74

TUDO UM NOVO CARRO LÁ DENTRO!

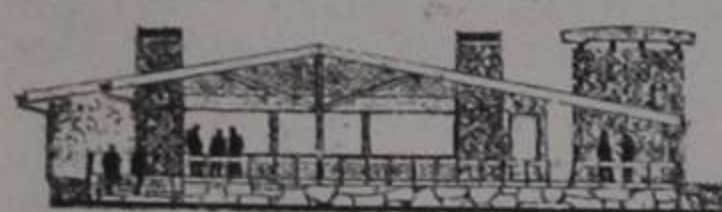


- Suspensão completamente melhorada!
- Barras estabilizadoras e outras inovações!

Em exposição na

AUTO COMERCIAL OURO, L.^{DA}

S. João da Madeira



**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**

**T
E
L.
9
2
1
3
2
2**

Requintado Serviço
Panorâmica Deslumbrante

SALÃO DE FESTAS e SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal desde 1 de Outubro a 30 Abril

EDITAL

RECENSEAMENTO DOS ELEITORES DA ASSEMBLEIA NACIONAL

David Matos e Silva de Oliveira Lopes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Espinho, faz saber, nos termos e para os efeitos do artigo 10.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1974, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Dentro do referido prazo os cidadãos com capacidade eleitoral poderão requerer ao presidente da Comissão Recensadora do concelho onde tenham residência efectiva, ou onde tiveram a última residência, quando exerçam função pública em país estrangeiro, a inscrição no respectivo recenseamento.

No requerimento, escrito pelo próprio interessado, ou a seu rogo, se não souber escrever, o requerente mencionará, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada, e pedirá a sua inscrição com a indicação dos requisitos legais que lhe conferem capacidade eleitoral.

SÃO ELEITORES E, COMO TAL, RECENSEÁVEIS:

— Todos os cidadãos portugueses, de ambos os sexos, maiores ou emancipados:

1.º — Que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por qualquer das incapacidades previstas na Lei n.º 2015;

2.º — E os que, embora não saibam ler nem escrever português, tenham já sido alguma vez recenseados ao abrigo da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, desde que satisfaçam aos requisitos nela fixados.

A PROVA DE SABER LER E ESCREVER, FAZ-SE:

a) — Pela exibição de diploma de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, como reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nas fichas enviadas pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º da citada lei.

NÃO PODEM SER ELEITORES

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 4 de Dezembro de 1973.

O Chefe da Secretaria,

David Matos e Silva de Oliveira Lopes

Câmara Municipal de Espinho

EDITAL

DOUTOR MANUEL FERREIRA BAIÃO NUNES DOS SANTOS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ESPINHO:

Faço público que, em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de ontem e em face das disposições contidas no Decreto-Lei n.º 34 436, de 6 de Abril de 1945, e Decreto n.º 35 106, de 6 de Novembro de 1945 foi resolvido proceder à atribuição da moradia n.º 33, tipo menor, do Bairro Municipal de casas para famílias pobres, a título precário, mediante licença deste Município sob a forma de alvará.

Nesta conformidade, são convidados todos os interessados a requererem a ocupação da aludida habitação no prazo de 15 dias, a contar da data da afixação do presente edital nos locais do estilo, nas seguintes condições:

a) No requerimento a entregar na Câmara pelos peticionantes deverá ser indicado o nome, estado, idade, profissão e salário relativamente a cada uma das pessoas que constituem o agregado familiar e bem assim o seu grau de parentesco com o chefe da família, além de outras circunstâncias justificativas da necessidade da habitação;

b) Os requerentes deverão comprovar a situação económica nos termos do artigo 256.º do Código Administrativo, podendo, no entanto, exigir-se a apresentação de outros documentos para prova das declarações insertas nos respectivos requerimentos.

Após a recepção dos mencionados requerimentos, esta Câmara deliberará sobre a concessão daquela moradia, atendendo ao comportamento moral e civil dos pretendentes, seguindo-se as demais formalidades prescritas no Decreto n.º 35 106, de 6 de Novembro de 1945.

E, para constar, se lavrou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado um no Jornal «Defesa de Espinho».

Espinho e Paços do Concelho, 6 de Dezembro de 1973.

O Presidente da Câmara,

Doutor Manuel Ferreira Baião Nunes dos Santos

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic.ª Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 4 de Dezembro de 1973, lavrada de folhas 24 a 25 verso do livro de notas para escrituras diversas D-número 5 deste cartório notarial de Espinho o senhor JOSÉ DOMINGUES DE OLIVEIRA cedeu a sua quota do valor nominal de 5 000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas sob a firma «OLIVEIRA & IRMÃO, LIMITADA», com sede em Espinho, na Rua Vinte e Um, número 227, a ROSA ALVES DA SILVA NETO, renunciando, em consequência, às suas funções de gerente e autorizando que a firma continui sem alteração.

Que, pela mesma escritura, foi aumentado para 400 000\$00 o capital social da dita sociedade, sendo a importância do aumento de 390 000\$00 inteiramente subscrita e realizada em dinheiro pelo sócio ANTÓNIO DOMINGUES DE OLIVEIRA e foi dada nova redacção aos artigos quarto e sétimo do pacto, os quais passam a dizer:

QUARTO — O capital é de 400 000\$00, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de 5 000\$00 da sócia Rosa Alves da Silva Neto e outra de 395 000\$00 do sócio António Domingues de Oliveira.

Parágrafo único: Podem tornar-se exigíveis prestações suplementares de capital e pode qualquer dos sócios fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer tudo de acordo com as condições deliberadas em assembleia-geral.

SÉTIMO — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exer-

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

MATÉRIAS PLÁSTICAS

(Injecção . Compressão . Extorsão)
(Insuflação . Rotação . Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **HERCULES**

TELEFONES: **920540-921098**

APARTADO: **40**

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

ÀS RAPARIGAS DOS 16 AOS 25 ANOS!

Se você gosta de trabalhos manuais e tem gosto pela perfeição das coisas que executa, tem agora a grande oportunidade da sua promoção pessoal.

A CETAP vai iniciar cursos para trabalhos de serralharia para formação feminina, trabalhos delicados e de precisão.

Inscreeva-se!

Durante os dois meses de treino ganhará 60\$00/dia. Logo após estes dois meses o ordenado será 80\$00/dia, e depois... depois será você quem ditará a meta final.

A inscrição é limitada.

CETAP CENTRO TÉCNICO DE APLICAÇÃO DE PLÁSTICOS DE ANTÓNIO MATOS

ANTA — ESPINHO

TEL. 921226

cidas pelo sócio António Domingues de Oliveira, dispensada de caução e com remuneração ou não conforme for deliberado.

Parágrafo único: Para a sociedade ficar obrigada é necessária e bastante a assinatura do sócio António Domingues de Oliveira.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 5 de Dezembro de 1973.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos Sil

IMPOSTO COMPLEMENTAR

— Secção B

Durante todo o mês de Dezembro, e nos horários habituais, está em cobrança na Tesouraria da Fazenda Pública o Imposto Complementar — Secção B, respeitante a 1972. Não sendo satisfeito tal pagamento durante este prazo, os contribuintes poderão fazê-lo nos sessenta dias imediatos com o acréscimo dos respectivos juros de mora. O não cumprimento desta obrigação dará origem a procedimento executivo logo que finde o último prazo concedido por lei.

cinema

O ESPANTALHO

Dirigido por Jerry Schatzberg. Produzido por Robert M. Sherman. Argumento original de Garry Michael White. Director de Fotografia, Vilmos Zsigmond. Editor, Evan Lottman. Música de Fred Myrow. Desenhador da produção, Al Brenner. Distribuído pela Columbia Warner. Americano. Panavision. Technicolor. 113 minutos.

Max, Gene Hackman; Lion, Al Pacino; Coley, Dorothy Tristan; Frenchy, Ann Wedgeworth; Riley, Richard Lynch; Darlene, Eileen Frennan; Annie, Penny Allen; Mickey, Richard Hackman; Skipper, Al Cingolani.

Um ensaio na tendência duro-sentimental, desigual na sua efectividade e algumas vezes usando um aspecto acabado, *Scarecrow* é todavia um estudo principalmente verosímil das relações desenvolvidas entre um par de vagabundos, Lion e Max, que viajam a pé, ou à boleia ou em comboios de mercadorias, começando no norte da Califórnia e deslocando-se através da província para Denver e Detroit. Cada membro do par é nitidamente definido.

Al Pacino especialmente nada tem da subtilidade que trouxe ao seu papel principal em *O Padrinho*, onde era eclipsado por Brando numa representação mais curta mas mais vistosa. Sem dúvida lhe agradou retratar agora o apalhado e vulnerável Lion, um antigo desaparecido que se dirige a casa para ver o filho de seis anos pela primeira vez, mas entregando-se no caminho a um excesso de álcool que o leva e ao companheiro para uma prisão-quinta durante um mês, onde Lion é atacado selvajemente por declinar desorientadamente as propostas de um homossexual brutalizado. A experiência deixa-o deprimido. É uma chamada telefónica feita para a mulher que deixou atrás põe-no ainda mais deprimido, porque a amargura a leva a dizer-lhe mentiroso que a criança nunca nasceu. No sulco disto, e numa cena de excitante realismo, Lion apanha um pequeno desconhecido e patinha com ele nas águas profundas de uma fonte em Detroit. Após o que o patético homenzinho desliza para um estado de desequilíbrio. Talvez recupere totalmente com a ajuda do seu companheiro de viagem Max. É extrema mas efectiva matéria e Pacino dá a toda ela o gosto

do presunto bem curado que Dustin Hoffman tão bem talhou em *Cow-boy da meia noite*.

Max, também, é um valente pacóvio, mas Gene Hackman empresta-lhe muito conteúdo. Vestido porcamemente com abundantes camisas, presumivelmente para simbolizar tanto o seu receio do mundo como a sua sensibilidade aos elementos, Max emergiu de uma longa pena de prisão anterior ao começo do filme e faz uma exibição exterior de beligerância enquanto se arrasta perseverantemente na direcção de Denver para ver a irmã — e acidentalmente para ter uma singular patuscada com uma baça paçada (divertidamente interpretada por Ann Wedgeworth) — antes de se dirigir a Pittsburgh para abrir uma estação de lavagem de carros por sua conta: um plano derrotado, pelo menos por algum tempo, pela doença de Lion que ia ser o seu sócio no negócio — e ainda pode recobrar energias para tal objectivo com alguma sorte. Ainda que a sorte pareça remota na dolorosa e engracada cena final em que Max se abeira de um balcão para comprar o bilhete para Pittsburgh, descalçando a bota para tirar o dinheiro dobrado que escondia no tacho, enquanto o bilheteiro lhe dirige um olhar de «já vi tudo».

Há bastante inerente e genuína alegria ao controlar a fundamental agonia e o argumento desigual de Garry Michael White é reforçado não só pelos dois principais actores como também pelos esforços impressionantemente combinados do director Jerry Schatzberg (*Panic in Needle Park*) e o operador Vilmos Zsigmond (*Mc Cabe and Mrs. Miller, Deliverance, The Hired Hand e The Long Goodbye*). Ambos chicoteiam a atmosfera obsediante das periclitantes pilecas e espalhando o pó dos vastos espaços abertos californianos, a algazarra de um velho pátio em Denver, o arrazado bar em que Max alegre e vagarosamente despe as suas camadas de roupa num strip-tease para celebrar um prematuro arranço de confiança, e aquela fonte de Detroit num dia gélido com os seus leões de pedra cinzenta e a sua arrepiante aparência de nobreza.

(De «Films and Filming»
— Novembro de 1973)

SOBRE A GÉNESE DAS CIDADES A CIDADE DE ESPINHO. 4 A INFÂNCIA

É assaz difícil fixar a data do nascimento de Espinho, até porque não consta de algum calendário de efemérides, ou no repositório das narrativas coevas. E isto, porque o nascimento de Espinho operou-se sem alardes, nem trombetas, mas através do trabalho humilde, persistente, anónimo e colectivo — verdadeiramente épico — dos homens que forjam as cidades, que edificam as Pátrias, que fazem História, — mas que não têm história para deixar. Em relação a Espinho, referimo-nos, como é obvio, aos seus pioneiros, os pescadores.

Sabe-se porém, que a sua infância desabrochou e floresceu à beira desse imenso, policromo jardim fluídico, que é o Mar. E sabe-se também, que ainda hoje os habitantes de Espinho falam com uma entoação vareira, cantante — melopeia balbuciada e herdada da primeira hora da sua infância consciente.

Pelo último quartel do século passado, o Mar de Espinho era sobejamente conhecido pelos quatros quadrantes da terra. Era um Mar de fascínio, de entranhas férteis e inesgotáveis, apenas, e por intermitências, devassado pelas redes impolúveis dos pescadores. Animado e ruidoso festim, quando as redes arribavam ao areal da praia, dir-se-iam enormes cornucópias transbordantes de peixe variado, saltitante, da mais alta qualidade e da melhor espécie. Sobre tudo, as fabulosas sardinhas de Espinho «sui generis» no mundo, que em conserva eram exportadas para toda a Europa, para Ásia e para as Américas. Porque as sardinhas de Espinho além dum óptimo alimento constituíam um acepipe principesco e rivalizavam, ou melhor completavam com o famoso vinho do Porto a «fina-flor» das nossas exportações.

Assim foi em Espinho que nasceu, reportando-nos ao tempo, pois já vão mais de 70 anos, a maior indústria portuguesa de todos os tempos.

E tecnologicamente a mais evoluída. A fábrica Brandão Gomes & C., era

ao tempo uma unidade fabril auto-suficiente, e foi o expoente máximo da técnica de conservação de peixe, de caça, de frutas, de azeitonas, de azeite, etc. Apesar de hoje a indústria conserveira dispôr duma gama infinita de meios ao seu alcance, desde as mais aperfeiçoadas máquinas aos processos químicos, ainda hoje nada se compara, em qualidade, em sanidade, em garantia absoluta aos produtos enlatados na fábrica Brandão Gomes & C.

A fábrica Brandão Gomes & C., era uma fábrica modelar com uma área coberta para além de 5000 m², dispunha de oficinas mecânicas para a confecção das embalagens em folha flandres. Tinha tipografia própria para a impressão de catálogos e dos folhetos inerentes à sua actividade. Tinha também uma litografia, mas tudo enquadrado nas suas instalações, para a impressão artística das latas da conserva.

Como foi possível que a incúria dos homens e má visão dos governantes, deixasse desmoronar a maior riqueza de Espinho, a vocação natural da sua infância, e o País perdesse uma indústria das que mais contribuía para o seu erário.

Como foi possível que aquele pequeno Mundo onde trabalhavam cerca de duas mil pessoas, tivesse sido levado pelo mar abaixo!... Mas não, não foi o Mar quem o levou.

ALVARO BAPTISTA

Livraria - Papelaria ACADÉMICA

Artigos Escolares-Escritório
e Posters

Rua 31 n.º 729 ESPINHO

José Oliveira

Solicitador encartado

ESCRITÓRIO:

Rua 19 - 401 - 1.º - Tels. 920093
920959 P.F.

RESIDÊNCIA:

Rua 9 - 868 - Tel. 920770

Medicina Laboratorial

DR. VICTOR HUGO

Rua 19 n.º 178-1.º Esq. - Tel. 920807

J. Pinheiro de Moraes

Médico

Clínica Geral—Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390 - Tel. 920452

COLÉGIO DE N.º S.ª DA CONCEIÇÃO

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 - ESPINHO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

DR. SECO JULIÃO

médico

Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq.
Telef. 920807

às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora
marcada a partir das 15 horas

Pinto de Matos

Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços
de Ortopedia das Universidades de Lausane
e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218

ESPINHO

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a
partir das 14 horas, na Policlí-
nica do Dr. Miranda Valente —
Rua 31 n.º 321 — Espinho — Tele-
fone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º - TEL. 921014

Dias: 3.ªs e 6.ªs feiras com hora marcada

Dr.ª Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medi-
cina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º
Telefone 921 014

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º
Telefone 38868 — PORTO

Concurso para admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

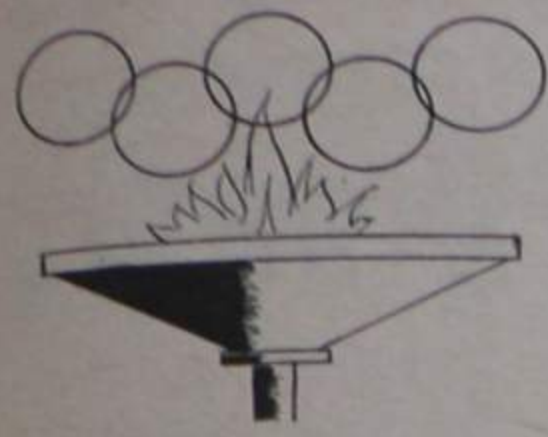
Estão abertos de 7 a 26 de Dezembro de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

CAIXAS DE PREVIDENCIA	POSTOS CLÍNICOS	SERVIÇOS	CAIXAS DE PREVIDENCIA	POSTOS CLÍNICOS	SERVIÇOS		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110-3.º — AVEIRO	Avanca	Estomatologia	Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto — Rua das Doze Casas, 143 — PORTO	Canelas	Clínica Médica		
	Aveiro	Estomatologia Pediatria		Carvalhos	Estomatologia		
	Espinho	Ginecologia Oftalmologia		Freamunde	Clínica Médica		
	Lourosa	Cirurgia-Geral Clínica Médica Obstetrícia Pediatria		Grijo	Pediatria		
	Mcalhãda	Clínica Médica Pediatria		Oliveira do Douro	Clínica Médica		
	S. João da Madeira	Pediatria		Vaião	Estomatologia		
	Sangalhos	Clínica Médica		Valongo	Pediatria		
	Vila da Feira	Otorrinolaringologia		Torres Novas	Cardiologia Obstetrícia		
	Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Beja — Av. Vasco da Gama, 17 — BEJA	Beja		Estomatologia Cardiologia Dermatovenereologia Gastroenterologia Neurologia Otorrinolaringologia Ortopedia Pediatria	Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real — Rua Gonçalo Cristóvão — VILA REAL	Mesão Frio	Estomatologia
		Freixo de Espada à Cinta		Clínica Médica		Marinha Grande	Cardiologia Ginecologia Clínica Médica Oftalmologia Psiquiatria
Área do Distrito de Bragança		Psiquiatria	S. Mamede	Clínica Médica			
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança — Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira — BRAGANÇA	Macedo de Cavaleiros	Clínica Médica	Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria — Av. Heróis de Angola, 59 — LEIRIA	Nazaré	Clínica Médica		
	Aibufeira	Clínica Médica		Peniche	Cirurgia Estomatologia Ginecologia Clínica Médica		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro — Rua Infante D. Henrique, 34-1.º — FARO	S. Bartolomeu de Messines	Estomatologia	Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa — Av. dos Estados Unidos da América, 39-39-A — LISBOA	Vieira de Leiria	Clínica Médica Pediatria		
	Alcobãça	Cirurgia-Geral Neurologia Clínica Médica Oftalmologia Otorrinolaringologia Obstetrícia Pediatria Psiquiatria		Alverca	Clínica Médica		
	Alqueidão da Serra	Clínica Médica		A-dos-Cunhados	Clínica Médica		
	Amoreira	Clínica Médica		Aveiras de Cima	Clínica Médica		
	Ansião	Estomatologia Ginecologia Obstetrícia Pediatria		Barreiros	Clínica Médica		
	Atouguia da Baleia	Clínica Médica		Campelos	Clínica Médica		
	Batalha	Clínica Médica		Loures	Pediatria		
	Bombarral	Estomatologia Pediatria		Moita dos Ferreiros	Clínica Médica		
	Caldas da Rainha	Ginecologia Obstetrícia Oftalmologia		Oeiras	Clínica Médica		
	Ceja	Clínica Médica		Olhalvo	Clínica Médica		
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria — Av. Heróis de Angola, 59 — LEIRIA	Colmeias	Clínica Médica	Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios — Av. João Crisóstomo, 67 — LISBOA	Pero Pinheiro	Cirurgia-Geral		
	Juncal	Clínica Médica		Santo Antão do Tejal	Clínica Médica		
	Leiria	Cardiologia Dermatovenereologia Ginecologia Obstetrícia Oftalmologia Ortopedia Psiquiatria		Covilhã	Clínica Médica		
	Crato	Obstetrícia Pediatria		S. Romão	Clínica Médica		
	Montalvão	Clínica Médica		Margueira	Estomatologia		
	Ponte de Sor e suas zonas limítrofes	Clínica Médica					
	Sousel	Obstetrícia Pediatria					

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas Caixas de Previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família. A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 26 de Dezembro de 1973 na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, 37-5.º-Esq. Lisboa, ou na respectiva Caixa de Previdência a que o concurso diga respeito. O provimento nos lugares é da competência das respectivas Caixas de Previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDENCIA E ABONO DE FAMILIA



desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

FUTEBOL

Com licença...

SP. ESPINHO, 2 — RIOPELE, 1

(ao intervalo: 1-0)

OUTRO SUSTO!

Ficha do Jogo

Campo: da Avenida

Assistência: em grande

Tempo: de sol, mas agreste e ventoso.

Terreno: seco e poeirento.

Arbitragem: Maximino Afonso (Lisboa), com Américo Oliveira (bancada) e Diamantino Gameiro (peão).

Equipas:

SP. ESPINHO — Luz; Ribeirinho; Simpício, Gonçalves (cap.) e Gabriel; Acácio, Ferreira da Costa e João Carlos; Augusto, Telé e Júlio; suplentes: Jorge, Magano, Gomes, H. Ernesto e Meireles.

RIOPELE — Raimundo; Albano, Orlando, Vitorino (cap.) e Teixeira; Vilas, Vicente e Piruta; Remígio, Feliciano e João.

Golos: 1-0 aos 14 m.; cabeça de Telé, toque de Júlio e JOÃO CARLOS dispara em cheio; 2-0 aos 49 m.; Augusto persegue a bola e, résvés à linha de fundo, atira para cima da baliza, onde JÚLIO, rápido lhe dá uma «pantufada»; 2-1 aos 57 m.; centro de Feliciano, estatismo de Luz e PIRUTA aproveita.

Substituições: aos 68 m. Meireles rende Júlio; aos 73 m. Vieira substitui Remígio; aos 79 m. simultaneamente, entra Armando sai Vicente e Helder Ernesto substitui Acácio.

Cartão amarelo: para João (Riopele) aos 40 m.

1—O costume desta época: no «Avenida» um ror de gente e de entusiasmo. Diferente (tristemente) o começo: um minuto de respeitoso silêncio pelo inditoso árbitro Fernando Leite e seus auxiliares, vítimas de brutal acidente de viação, como se sabe, e também em homenagem póstuma ao Dr. Paulo Sarmento, vulto grande do dirigismo desportivo português.

2—Que há com o «onze» dos «tigres»? Vinha subindo na pauta do rendimento. Mostrava bom índice físico. Começava a exhibir entrosamento. Demonstrava alta no funcionamento colectivo. Principiava a garantir boa bitola exibicional. Num ápice... Nos dois últimos jogos caseiros, restou o querer, o índice físico (com excepções) e quanto ao mais...

3—Do mal o menos: pontuou-se. Contudo, os «alvi-negros» dão o lamiré atacante. Atacam mesmo. Tudo baralhado em demasia porém. E, às tantas, claudicam. Instaura-se a confusão. Continua o querer. Falta a lucidez. Surge a complicação. O temor. A aflicção. O susto.

4—Aconteceu contra o Vilanovense e repetiu-se agora. A linha média deu a sensação de ter «fanado». E jamais conseguiu segurar bem o comando do jogo. Na frente há gente perdulária em demasia. Cá atrás os laterais estão a apoiar mal e o quarteto, quando as coisas entram a complicar-se... complica. E o guardião ajuda nisso.

5—Se não levarem a mal a verdade... afirmaremos que o Sp. de Espinho foi felicíssimo! Pela segunda vez consecutiva. O Riopele fez jus ao empate. Pelo menos mostrou-se mais claudicante. Menos objectivo. Menos temeroso. Perdeu. Aconteceu futebol e, novamente, os espinhenses tiveram a sorte por si.

...E AINDA AGRADECEM

Um jovem ginasta da A.A.E., entusiasmado pelo facto da sua Secção de Ginástica ter — FINALMENTE! — recebido determinados aparelhos, escreveu no último número do nosso jornal, e nesta página de Desporto, uma local, agradecendo publicamente à Direcção Geral da Juventude e Desportos a dívida, pela ajuda que ela representa para o seu Clube.

Nada a opor, nem a criticar, ao jovem ginasta, pois, ao invés, há a salientar o seu sentimento de gratidão, reflexo da maneira como vive os problemas gimnodesportivos da sua colectividade. O que nos choca, isso sim, é o enfeudamento à gratidão por aí generalizado quando vêm certas coisas, coisas que têm de vir pela ordem natural, e nem deviam ser mendigadas, nem agradecidas, com música, foguetório e população, como se fosse um favor grande, um jeito por mor de valentíssima cunha e não — e porque não? — consequência duma obrigação determinada pelas estruturas de tudo isto.

E que, para mais no caso vertente dos aparelhos para a Secção de Ginástica da A.A.E., foi preciso mendigar — é o vocábulo exacto! — durante anos não obstante se demonstrar, à evidência, com testemunhas visíveis, com exposições documentadas, com uma obra a todos os títulos louvável — que elevou a A.A.E. a uma das colectividades de

maior projecção no meio ginástico lusitano —, o valor de um trabalho, para o qual eram precisos determinados aparelhos, que outros tinham sem os justificarem no mínimo e outros possuíam jazendo inertes, qual capital sem render juro e detiorando-se.

Rogos sem fim! Silêncio absoluto! Nenhuma resposta! Muito menos qualquer justificação!

E, durante anos, o trabalho de uma colectividade em prol do desporto português, ainda que bom, não atingiu toda a expressão e potencialidade, por lhe serem negados aparelhos aos quais fazia inteiro jus e que tantas vezes implorou, ante a um esquisito silêncio.

Vieram os aparelhos — talvez mais valha tarde do que nunca, não é? —, quiçá porque os homens mudam, com atraso, atraso que foi prejuízo para o clube, para os seus ginastas, para a ginástica nacional, para o desporto, contudo nenhuma culpa cabe à A.A.E., nem aos seus dirigentes e, muito menos, aos seus atletas, esses como o autor da tal local, são de corpo e de espírito, a ponto de agradecerem algo a que tinham insofismável direito, por justiça, pelo trabalho, por tudo, e que foi preciso mendigar, rogar, anos a fio. Ora, assim não!

C. S.

VOLEIBOL



Equipa juvenil de voleibol da A. A. Espinho. Da esquerda para a direita: no primeiro plano: Ribeiro, Penha, Dário, Fausto e Pinto; no segundo plano: Tibério (treinador), Serrano, Jorge, Reis, Aragão e Paupério.

6—Jogadores? Luz (culpado no golo) e a defesa, com altos e baixos. Então os laterais, agora, vão menos à frente. Porquê? Gonçalves, o que se safou melhor no «onze». Os médios fanaram cedo. Foram pouco esclarecidos. Não puseram a bola no chão (como a defesa, muitas vezes). Não marcaram o ritmo. Não se encontraram em suma. Helder Ernesto e Meireles

terão chegado tarde. Na frente, Augusto, generoso, brioso, lutador, ganancioso e falhador (tudo em *síssimo!*) Telé? Frio como o tempo. Júlio, não desmereceu a chamada, embora acusando a circunstância de ser suplente.

7—Árbitro e auxiliares? Gostamos. Não foram além dos erros comezinhos e sem influência.

C. SARRIA

Cartaz Desportivo RESULTADOS

VOLEIBOL

SENIORES

S. C. ESPINHO, 3 — AVINTES, 2
A. A. ESPINHO, 2 — OLIVEIR., 3

FEMININO

S. C. ESPINHO, 3 — ESMORIZ, 1

S. C. E. — Isabel, Lúcia, Amélia, Clara, Capela, Fátima, Tibéria, Margarida, Rita e Teresa.

Resumo: Excelente vitória das Espinhenses que com esta vitória igualaram o seu adversário no 1.º posto do campeonato.

A. A. ESPINHO, 2 — A. S. MAM., 3

JUVENIS

A. A. ESPINHO, 2 — ESMORIZ, 3
OLIVEIR., 2 — S. C. ESPINHO, 3

INFANTIS

ESMORIZ, 2 — A. A. ESPINHO, 0

Resumo: A equipa infantil da A. A. E. não teve sorte nesta final do torneio da A. A. de S. Mamede, e com esta derrota ficou no 2.º lugar. Apesar disso demonstraram possuir uma equipa muito certa e com elementos de futuro.

HÓQUEI EM CAMPO

SENIORES

A. A. ESPINHO, 3 — LOUSADA, 1
SPORT, 0 — A. A. ESPINHO, 0

FUTEBOL

BUSTELO, 3 — CORFI, 2

JUNIORES

ESPINHO, 1 — PAIVENSE, 0
LOUROSA, 3 — CORFI, 2

JUVENIS

ESPINHO, 4 — LOUROSA, 1

ANDEBOL

SENIORES

AVANCA, 9 — S. C. ESPINHO, 13

S. C. E. — Casal; Loureiro, Tomás, Manecas, Mário Augusto Serra e Filipe.

JUNIORES

O S. C. de Espinho venceu o Galitos por falta de comparência.

PRÓXIMOS JOGOS

VOLEIBOL

SENIORES

15-12-73 — A. A. ESPINHO-CARVALHOS às 22 horas.

FEMININO

16-12-73 — A. A. ESPINHO-NEGRELLOS às 10,30 horas.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

O SEU BANCO

PORTO

LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

GAZETILHA

UMA HISTÓRIA... MERENCÓRIA

É triste o que aconteceu
Ao Felisberto Lacerda,
Que boa herança perdeu
E culpas teve em tal perda.

Eu conto como o golpe inusitado
Por traíçoira mão foi desferido;
Como, do que era seu, foi despojado
E em sua santa boa-fé colhido.

Arengava aos credores o Lacerda:
«— Ter de «cavar» o pão, é muito duro;
O bom, é ter hipótese de herdar
Maquia que se veja: Esse é que é o «furo»
P'ra se poder gastar... e se pagar,
Pois cada qual só paga... conforme herda:
Eu tenho herança e estou à espera dela.
Um tio rico, na Venezuela,
Deixa-me tudo. Sosseguem os credores;
Se algum não crê, vá ver como o meu tio
Já está «nas lonas»; não há salvação!»
«— Pois eu vou lá— exclama um dos maiores —
Porque tenho lá coisas a fazer,
E trato-lhe de tudo o que quiser». —
O Lacerda concorda e o credor vai.
Chega a Caracas, com procuração.
Poucos dias depois, sem dar um ai,
O tio morre, não se sabe como.
Engendra então tão bem urdido «lio»,
Que se transforma em alto «figurão».
Sentiu-se bem. Fez como outros que tais:
Vendo-se rico, não voltou cá mais.

Os lesados agora, em pura perda,
Choram em coro c'ó infeliz Lacerda...»
A história acaba assim!

FIM!

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.ª

CARTA ABERTA

Meu Menininho Jesus.

Chamo-me Espinho. Sou uma cidadezinha de poucos meses de existência. A minha mãe, Vila de Espinho (que se finou ainda bastante nova, tal qual a avózinha Freguesia e o Bisavô Lugar), quando nasci disse-me que antes do Natal te escrevesse uma cartinha a pedir os brinquedos que mais desejasse. E explicou-me que tu na noite de Natal vinhas cá abaixo depositar nas chaminés os brinquedos que as crianças te pediam. Como tenho muitas chaminés na minha casa e por azar podias enganar-te e pôr as prendas na chaminé de qualquer Vouginha que as levaria para outro lado, recomendo-te que as deposites mesmo nas escadas da minha Câmara porque ninguém mas rouba.

Eu tenho tanta coisa para te pedir, Meu Menininho Jesus, que nem sei por onde hei-de começar a minha lista. Estou mesmo atrapalhadinha de todo. Confio em ti se alguma coisa me falhar. Tu sabes bem do que preciso e, por isso, vais-me ajudar, não vais? Olha que eu tenho-me portado muito bem e faço tudo para não desgostar ninguém.

Gostava muito de ter a minha estradinha para o Porto em boas condições, apesar da falta de gasolina tornar difícil o trânsito dos automóveis. Também gostava de ver resolvido o problema das passagens de nível que me prejudicam a circulação nas vias (escreve-se veias ou vias?). E ficava muito satisfeita se o mar deixasse de me pregar partidas, tirando-me a areia da praia e deixando ao léu os calhaus que por lá semearam à sorte. E queria os meus passeios cimentados e as ruas pavimentadas. E queria muita limpeza, para respirar à vontade e sem maus cheiros. E sentia-me feliz se houvesse muitas casas novas e de rendas baixas em vez das de rendas altas (que por aí há. E queria os meus clubes a fazer figura nos desportos nacionais. E queria ver muitos turistas no próximo verão. E queria os meus estudantes bem alojados e com professores em quantidade e em qualidade para aprenderem bem. E queria os meus cinemas a funcionar com bons programas, sem esquecer os pequeninos, que também são gente. E queria uma actividade cultural decente: E queria... e queria... eu queria tantas coisas que já nem sei mais o que pedir-te. Se tiveres dificuldade, pergunta ao Pai Natal o mais que eu preciso que ele de certo sabe.

E não te maço mais. Desejo-te muito Boas-Festas e mando-te um beijinho muito repenicadinho da tua amiguinha

CIDADE DE ESPINHO

QUINTA CRÓNICA CONFORMISTA

Num desses cafés que felizmente proliferam na nossa cidade, ouvi outro dia comentar o mau estado de algumas ruas. Críticas azedas que também não poupavam a condição dos passeios reservados ao trânsito dos peões, cujo número aumentou grandemente mercê das manobras árabes.

Apeteceu-me intervir na conversa e esclarecer todos os ignorantes que blasonavam de sabichões, incapazes, coitaditos, de um juízo calmo e verdadeiro. E não o fiz por pensar que entre os espinhenses existam mais alguns cérebros iluminados a comungar nas mesmas ideias derrotistas e nas mesmas opiniões de tão arenosos alicerces.

Reservei-me para abordar o problema nas colunas deste magnífico órgão da Imprensa, enquanto o seu mui digno responsável nele me der guarida como tão cativantemente tem feito até hoje.

E cá estou mais uma vez na defesa da minha amada — Espinho — a terçar armas contra os má-línguas encartados a quem nunca ninguém nem nada consegue satisfazer os seus maus sucos biliários.

A cidade tem de tudo, bons e maus passeios, bons e maus pisos de ruas. Todos o sabem e todos o deviam aceitar de boa mente, sabido como é que só pode apreciar-se o Bem quando somos víti-

mas do Mal. Como poderíamos sentir prazer em pisar um passeio bem cimentado e fácil ao contacto dos pés se não tivéssemos que calcorriar pavimentos mal ou nada empedrados, cheios de poeira e de buracos? Como poderíamos gozar a alcatifa cómoda de algumas ruas se não as tivéssemos também aos altos e baixos, com ratoeiras a fazer perigar as molas dos amortecedores dos veículos ou a integridade do nosso aparelho ósseo?

E que seria dos vendedores de calçado e dos sapateiros que nos põem meias solas se o piso de passeios e ruas fosse tão cómodo que as solas nunca se nos gastassem? Acabariam por ir para a falência e lá se abria mais um sector na fileira do desemprego.

E que seria dos empreiteiros, que não teriam mais ruas para pavimentar, deixando de ganhar a sua vida e de poder oferecer trabalho aos seus servidores? Ou mudavam de profissão, ou mudavam para outro local, ou se acolhiam sob o amparo da caridade pública.

Cá por mim, considero que as nossas vias estão muito bem conservadas, que são todas muito macias, que nada há que apontar-lhes como defeito.

ZÉ CONTENTE

AO COMÉRCIO E À INDÚSTRIA!
ATENÇÃO AO NÚMERO DE



NATAL
DA "DEFESA"

NÃO ESQUEÇAM OS VOSSOS ANÚNCIOS A MARCAR PRESENÇA
NUM NÚMERO SENSACIONAL!

CASA LUCIANA ≡ Boutique

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos "SÓBRINCA"
e dos artigos de viagem "TAURO"

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

DEFESA DE
ESPINHO

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO